

Patrícia Azambuja

Universidade Federal do
Maranhão, São Luís - MA,
Brasil.

<http://orcid.org/0000-0002-4092-3868>

**Mídia Propagável, (Des)
Informação e Teorias
da Afetividade**

**Spreadable Media, (Dis)
Information and
Emotion Theories**

**Media Propagable, (Des)
Información Y Teorías
De La Emoción**

RESUMO

A partir de uma revisão bibliográfica multidisciplinar focada na vinculação entre mídia propagável, informação e motivações na Teoria da Afetividade, o presente trabalho se propõe a explorar teoricamente alguns desdobramentos no período subsequente às eleições presidenciais de 2018. A abordagem metodológica está centrada no levantamento de conceitos que envolvem as dicotomias e aproximações na cadeia emoção-sentimento, assim como, suas conexões com o campo das informações em fluxo. O estudo exploratório de natureza qualitativa visa levantar implicações para o fenômeno da (des)informação, ao propor atravessamentos conceituais entre cultura do compartilhamento, teoria das emoções e a crise no estatuto da confiança.

Palavras-chave: Cultura da Participação. Afetividade. Desinformação.

ABSTRACT

Based on a multidisciplinary literature review focused on the link between propagable media, information and motivations in the Theory of Affectivity, the present work proposes to explore theoretically some unfolding observed in the period following the 2018 presidential elections. The methodological approach is centered in the survey of concepts that involve the dichotomies and approximations in the emotion-feeling chain and its connections with the field of information action. The qualitative exploratory study aims to raise motivations for the phenomenon of (un) information by proposing conceptual crossings between culture of sharing, theory of emotions and crisis in the status of trust.

Key words: Cognitive Surplus. Affectivity. Fake News.

RESUMEN

A partir de una revisión bibliográfica multidisciplinar enfocada en la media propagable, la información y las motivaciones de la Teoría de la Afectividad, el trabajo realizado se presenta de manera explícita sobre los desdoblamientos observados en el período subsiguiente a las elecciones presidenciales de 2018. El enfoque metodológico está centrado en el levantamiento de conceptos como las dicotomías y aproximaciones en la cadena de motivación-sentimiento y sus conexiones con el campo del información. El estudio exploratorio cualitativo tiene como objetivo plantear motivaciones para el fenómeno de la (des) información al proponer cruces conceptuales entre la cultura del intercambio, la teoría de las emociones y la crisis en el estado de confianza.

Palabras clave: Cultura de la Participación. La afectividad. Desinformación.

* Trabalho correlato, intitulado *O fenômeno da desinformação entre os afetos e as emoções*, foi apresentado em agosto de 2019, na IX Jornada internacional de Políticas Públicas, e devidamente publicado nos anais do evento.

Submissão: 29-5-2019

Decisão editorial: 11-5-2020

As redes sociais digitais nem sempre ocupam espaço nas discussões sobre produção jornalística, mesmo quando de modo nítido dão visibilidade aos mais variados temas. Utilizadas pelos veículos como espaço estratégico de propagação, inadvertidamente, vão assumindo lugar de fonte ininterrupta e confiável, forçando inclusive pesquisadores a observar mais detidamente outros aspectos relacionados à sua dinâmica. Decerto que se firmam como potentes ferramentas de marketing e entretenimento, ao estimular comportamentos mais autônomos e livres da audiência, por outro lado, levantam questões que passam a advertir para dissonâncias no trato com temas relevantes, que oscilam entre extremos inconciliáveis, crenças e especulações aleatórias.

Tomando como recorte temporal a disputa político-partidária no Brasil a partir das eleições de 2018, numa observação rápida em torno de compartilhamentos e respectivos comentários, fica patente como o debate necessário acerca do futuro da nação converte-se em situação perturbadora. O fortalecimento das redes sociais como fontes "genuínas" de informação, em alguns aspectos, aparece como força contrária aos veículos oficiais, isto é, revogando uma legitimidade anteriormente instituída. Por não se sentirem contemplados nas abordagens,

por as considerarem superficiais ou manipuladoras, alguns internautas, convencidos das facilidades que as plataformas de acesso disponibilizam, partilham as mais diversas fontes de dados: desde manchetes de jornais *online* (**FIG. 1**) aos comentários enaltecendo ou ridicularizando a notícia (**FIG. 2**), que vão desde conteúdos partidários, institucionais ou pessoais, até ironias, caricaturas, documentos e opiniões mais questionadoras.



Figura 1. Matéria da Folha Online compartilhada pelas redes sociais: “MEC pede a escolas para que cantem o hino nacional e filmem as crianças”.

Fonte: Folha Online, acesso em 25 de fevereiro de 2019. Disponível pelo link: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/02/mec-pede-a-escolas-para-que-cantem-o-hino-nacional-e-filmem-as-criancas.shtml>

Nos dois exemplos citados - recorte feito a partir de evento publicado no dia 25 de fevereiro de 2019 acerca da repercussão de medida tomada pelo então Ministro da Educação, Ricardo Velêz Rodríguez - há um entrelaçamento vasto e heterogêneo, pois as matérias dos veículos oficiais dividem espaço condi-

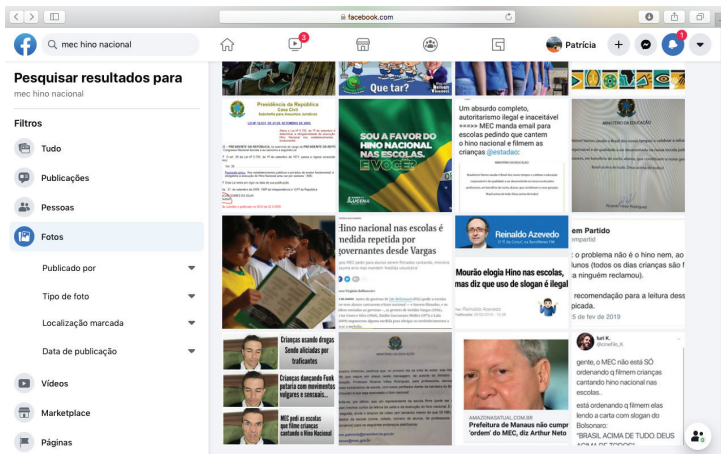


Figura 2. Conteúdo relacionado ao tema da matéria da Folha compartilhado pelas redes sociais.

Fonte: Facebook, busca feita em 30 de agosto de 2020. A partir da *timeline* da autora: matérias, memes e comentários disponíveis ao usar ferramenta de busca com as palavras-chave “MEC” e “hino nacional”.

zente com sátiras, deboches, opiniões raivosas/amorosas ou julgamentos sobre o acontecimento divulgado. Observação desse quadro possibilita uma afirmação: coexistem, com o mesmo vigor, dados concretos retirados dos noticiários e a ironia especulativa dos memes, o que parece provocar nada mais que dispersão e muitas dúvidas sobre o contexto político e social.

Esta situação não pretende articular pesquisa de recepção ou análise de conteúdo, mas oferecer um demonstrativo do amálgama complexo entre fatos e afetos, instituído no espaço noticioso diário; enfim, componentes afetivos como combustíveis para impulsionamento da desinformação generalizada. Visto que, observam-se de forma recorrente, neste exemplo ou em outro momento, sobre este ou sobre outro fato político, opiniões passionais dispersas, algumas vezes bem humoradas, mas pouco afinadas com o cerne

das questões apontadas nas matérias, servindo para alimentar ainda mais a desorientação, fator contundente no cenário informacional contemporâneo.

Propõe-se portanto, neste artigo, um estudo exploratório de natureza qualitativa no sentido de construir hipóteses ao tencionar outros atravessamentos acerca do fenômeno da desinformação¹, isto é, transpor questões semânticas em torno do tema e refletir sobre a circulação de notícias e possíveis componentes afetivos e emocionais. Utilizando como ferramenta metodológica a revisão de literatura, parte-se do contexto atual no qual a proliferação de informações falsas está sustentada para além do uso consciente com pretensão de abalar reputações. O foco deste trabalho é especular, com o olhar voltado às teorias da cultura da conexão e da afetividade, possíveis motivações para a circulação excessiva de ideias sem intencionalidade aparente, mas profundamente ruidosas; isto é, quando a informação repassada por pessoas comuns, assentada em interesses pessoais de colocar em pauta um fato reputado como relevante por qualquer motivo, agiganta-se ao ponto de gerar a falsa sensação de consenso; considerando que na prática não parte de um dado concreto, é sustentada apenas por valores morais e contradições descontextualizadas. Por razões coerentes, o debate sobre a temática esteve condicionado a aspectos racionais e objetivos, entretanto, nosso convite é considerar uma abordagem que escape da racionalidade instrumentalizada e priorize, no campo da informação via mídia propagável, fundamentos na afetividade.

¹ Tema aprofundado em CHAVES, M. e BRAGA, A. A pauta da desinformação: "fake news" e análise de categorizações de pertencimento na eleição presidencial brasileira em 2018. in: **BJR online**. v. 15, n. 3, Brasília, 2019.

Mídia propagável e cultura do compartilhamento: a revolução no consumo?

A difusão de informações através de redes de compartilhamento e dispositivos móveis de acesso transformou-se em muito pouco tempo. Manuel Castells (2002, p.442) já discorria sobre o aparecimento de novas comunidades virtuais, reciprocidade comunicativa, e descrevia a “sociedade interativa” como um fenômeno responsável por ampliar redes de associações, espaço de fluxos e expansão dos vínculos sociais.

Ideias como estas são também partilhadas por Henry Jenkins (2008, 2014) e Clay Shirky (2011), para os quais a convergência entre mídias integra uma relação mais efetiva entre produtor e consumidor. Para Jenkins (2008), a cultura da participação consolida-se na circulação de conteúdo de forma ativa pela ação de quem consome. No tocante ao entretenimento da televisão norte-americana, Jenkins (2008, p.94) busca compreender algumas estratégias moldadas pelo marketing com o intuito de influenciar consumidores e seus comportamentos: economia afetiva, mídia e “fundamentos emocionais da tomada de decisão do consumidor”. Obviamente, parecem inofensivas e divertidas escolhas envolvendo franquias de *reality shows*, de filmes, de livros ou de produção de *fanfictions*; também gratificante sentir-se parte de uma inteligência coletiva compartilhada, muito presente na ação de fãs ao integrar-se em torno de ações comuns envolvendo seus programas favoritos. Jenkins (2008, p.96) inclusive alerta para implicações tanto positivas quanto negativas da “economia afetiva” que, se por um lado, possibilita aos anunciantes utilizar o agrupamento de usuários para os seus fins específicos,

por outro, “permite que os consumidores formem seu próprio tipo de estrutura coletiva de barganha, que podem usar para desafiar as decisões corporativas”.

Sob o viés da generosidade, Clay Shirky (2011, p.60) considera aspectos relacionados à forma como essas comunidades funcionam. As amplificações das vozes e dos lugares de fala criam dificuldades na filtragem, pois são ampliadas sobretudo as escalas de valores e de qualidade das informações compartilhadas. Traçando um paralelo entre mídias tradicional e digital, observam-se mudanças nesse aspecto, logo, o próprio autor problematiza a concepção otimista em torno da revolução proposta pela cultura da participação. Plataformas digitais convertem-se em espaço de grande fluidez para informações em geral, e para cortinas de fumaça em particular. “As pessoas ficam surpresas com nossos novos comportamentos e acreditam que o comportamento é uma categoria estável, mas não é. As motivações humanas mudam pouco a pouco ao longo dos anos”. Os consumidores da mídia tradicional se sentiam como indivíduos colocados à margem do processo de produção, hoje supostamente livres desse modelo, não aceitam mais ordens de como agir, preferem experimentar todas as possibilidades de fazer aquilo que queriam, a qualquer custo. Por meio de vários estudos empíricos, Shirky (2011) conclui que as pessoas reagem de formas diferentes quando estão fazendo algo por dinheiro ou por amor, por isso, a ação de amadores ganha destaque, credibilidade e se diferenciam dos profissionais.

Logo, não está sendo negado aqui o reconhecimento de mudanças profundas nos hábitos de consumo, sejam de bens materiais ou simbólicos. É incon-

testável o comportamento dos novos consumidores, que hoje (motivados pela grande oferta) definem suas marcas preferidas não apenas considerando questões de uso, mas agregando reputação através da responsabilidade social, ecológica e valores não tangíveis de vinculação comercial. Assim, Jenkins (2008) afirma a necessidade de reconhecer os novos modelos de marketing e suas implicações, sejam positivas ou negativas. Se as marcas de amor são "construções mentais" (MARCONDES, 2003, p. 21) que seduzem através da geração de empatia e sentimentos, passa a ser fundamental reconhecer a estrutura invisível propulsora dessas escolhas. Talvez o vínculo entre afeto e publicidade esteja bem compreendido, entretanto, pergunta-se da interferência da emoção no compartilhamento de informações via mídia propagável, que, de forma inadvertida, aciona ações motivadas por impulsos e valores demasiadamente pessoais.

São estas ponderações quase sempre colocadas à parte do debate sobre os processos comunicacionais, ações pouco relevantes ligadas ao "páthos, quer dizer, à 'paixão', à passividade, ou à impossibilidade de agir [isto porque] tem um jeito 'patético' - a considerar a emoção como uma fraqueza, um defeito, uma impotência (DIDI-HUBERMAN, 2016, p.21). A pertinência do tema para o campo da arte também não é recente, Jacques Rancière (2009, p.12) aponta na controvérsia histórica entre pensamento e não-pensamento evidências da materialidade sensível para a razão, do involuntário na ação consciente ou da relevância para ações consideradas insignificantes. Para o pesquisador, há de se perceber a estética como forma de valorizar as coisas da arte como coisas do pensamento.

No campo da comunicação, o pesquisador brasileiro Muniz Sodré (2006, 2007) pondera sobre o afeto como estado de pré-compreensão do mundo: “ninguém morre somente por ideias” (GROHMANN, 2015, p.121). Para ele, os processos de comunicação são atravessados pela vinculação social, e “o afeto pode estar contido nisso [e] é tudo o que escapa à racionalidade instrumentalizada pelo signo, pela palavra” (ibidem, p.124). Os meios de comunicação (convencionais ou digitais) estabelecem relações com seu público também atravessadas pela retórica do afeto. As pessoas são mobilizadas por essa dimensão emocional, e talvez precisem se dar conta disto. Assim como a própria estrutura midiática, compreender que não tem o controle absoluto do processo, considerando inclusive a “rebeldia” como um tipo de afetação marcante nos vínculos comunicacionais.

Dualismo corpo-mente na Filosofia e na Psicologia

Sobre a questão, observa-se movimentos históricos anteriormente levantados por Kant (1724-1804), Hegel (1770-1831) e Freud (1856-1939), todavia, o entendimento da emoção como um estado de mudanças psicofísicas que influencia comportamentos concerne à dicotomia corpo-mente é operado pela filosofia desde a Grécia Antiga. A oposição entre Platão (428-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) é clássica: enquanto para um o mundo sensível dos fenômenos (corpo/matéria) deve estar subjugado ao mundo inteligível das ideias (mente/conhecimento), para o outro, estes dois mundos se fundem no conceito de substância. Apesar da cisão ser ratificada pelo pai da filosofia moderna, René Descartes (1596-1650), que institui epistemologicamente o “dualismo psicofísico”

- dois domínios diferentes de estudo: o *corpo* como objeto da ciência e a *mente* como objeto da filosofia -, a partição serviu apenas como confirmação da extrema dificuldade em se pensar métodos de investigação para as ciências humanas e compreensão dos comportamentos dos sujeitos, que são complexos e possuem livre arbítrio.

Se não parece inequívoco que um sujeito esteja fragmentado em partes isoladas, outrossim, paira sobre a sensibilidade do espírito toda espécie de desconfiança, de degradação, irracionalidade e loucura. Em vista disto, correntes filosóficas no século XX buscaram superar a dicotomia entre corpo e mente, restabelecendo a ideia de unidade humana, sugerida pela crítica platônica organizada por Aristóteles (384-322 a.C.) e por um filósofo “desacreditado” do século XVII, Baruch Spinoza (1632-1677). A sua *teoria do paralelismo* já negava, naquela época, a relação de dependência ou passividade entre espírito e matéria que, para ele, vivenciam de maneira correspondente os eventos. Spinoza (2009, p.97) se voltava, já no século XV, “àqueles que, em vez de compreender, preferem abominar ou ridicularizar os afetos e as ações dos homens”. A fraqueza da alma é a ignorância; e dos corpos, as afecções dos maus ou bons encontros, que geram tristezas ou alegrias. Logo, afetos de ódio, ira ou inveja seguem também regras universais como nas ciências naturais, que admitem causas precisas para compreensão de seus fenômenos. Na proposição 16, Spinoza (2009, p.156) afirma que apenas a imagem de uma coisa que tenha perturbado no passado, positiva ou negativamente, por analogia, tem poder de contaminar com mesmo amor ou ódio outras, no presente. Temos consciência de nossos apetites e do

poder de nossas ações, no entanto, quase sempre desconhecemos as causas e pouco discutimos em torno das consequências das escolhas feitas.

Encontra-se à disposição um campo vasto de pensamentos integradores da relação corpo-mente, inclusive da experiência empírica na psicologia, a partir do qual William James (1842-1910), de corrente pragmatista norte-americana, questiona: o que fazem os homens (e por quê), elegendo a consciência como objeto de investigação experimental (escola funcionalista). Em linhas gerais, James (1884) pondera acerca da divisão do cérebro em centros sensoriais e motores, ou do fato de neurologistas e fisiologistas da época ignorarem considerar anseios, prazeres, dores e emoções nas pesquisas que envolvessem cérebro e mente. Há em seu trabalho considerações sobre o fato de nem sempre haver reações corporais evidentes nas operações mentais de prazer ou desprazer, mas lembra que o sistema nervoso é a soma de predisposições que reagem ao contato com características particulares do ambiente. Tão certo quanto o amor entre seres humanos, mães e bebês, a ira contra animais peçonhentos, ou o medo de precipícios, alguns exemplos apenas demonstram uma adaptação natural entre reações mentais e corporais, ao ponto de contestar prevalência do uso exclusivo da razão sobre elas. Para o pesquisador, é necessário cuidado ao considerar a emoção como residual, e não influenciadora das ações conscientes. Em contrapartida, não se trata de sobrepor uma coisa a outra, mas compreender entrelaçamentos sutis e absolutamente relevantes entre vida mental e estrutura corporal, além da necessidade, antes de fazer qualquer afirmação, de considerar contextualizações sociais, culturais ou históricas.

As emoções no século XX: psicossomática e neurociência

As teorias somáticas propostas por William James (1884) perderam força no século XX, mas voltaram à cena a partir de aspectos psicopatológicos da vida afetiva levantados pelo bielorrusso Lev Vigotski (1896-1934), assim como, de evidências neurológicas propostas pelo médico português António Damásio (1944-).

De acordo como Gisele Toassa (2012), aspectos histórico-culturais relevantes para Vigotski, sobre a estrutura e a dinâmica das emoções, não tratam questões relevantes para a época, no entanto, demandam a superação do dualismo presente nas teorias propostas por James-Lange e Descartes; valorizando o monismo espinosano - doutrina psicofísica que viria a se constituir como principal orientação filosófica de uma nova teoria das emoções. Para Costa e Pascual (2012, p.628), Vigotski faz críticas ao "dualismo que caracterizava tanto a teoria organicista das emoções (explicativa), quanto à apropriação puramente filosófica, idealista (descritiva) dessas". Não considera as emoções em seus aspectos exclusivamente biológicos ou "meros correlatos animais do homem" (ibidem, p.632). Em outras palavras, apesar de sua dimensão corpórea, a dimensão afetiva não está subjugada ao orgânico, nem isolada de outros processos psíquicos promovidos pela consciência, mas integra de forma complexa à esta e ao contexto sócio-histórico-cultural. A emoção pressupõe uma dimensão psicológica, que é subjetiva e está inscrita em contexto vivencial das práticas sociais: "transforma as manifestações fisiológicas em significações subjetivas" (ibidem, p.629) - surge como função mental de base biológica e é transformada em algo novo.

“Os sistemas psicológicos socializados criam, então, as manifestações bizarras ou belas da vida emocional” (TOASSA, 2012, p. 143).

Questões não resolvidas na época são aprofundadas pelo entendimento subsequente das engrenagens do sistema nervoso, segundo António Damásio (1996): vertentes psicopatológicas, descritas por Sigmund Freud, e neurofisiológicas dos circuitos cerebrais envolvidos na emoção, por Charles Sherrington. Damásio (1996, p.7) relaciona emoção e razão utilizando como referência a observação de pacientes com deficiência neurológica, além disso, busca compreender a emoção como parte integrante do raciocínio, e não como mero elemento perturbador. A inovação do seu trabalho é decorrente do entendimento do uso da razão “como uma extensão do sistema emocional automático com a emoção desempenhando vários papéis no processo de raciocínio”. A conexão entre emoção e raciocínio pode ser positiva ou negativa, a depender de fatores circunstanciais e contextos das decisões, e a hipótese do marcador somático postula que a emoção pode desempenhar um papel fundamental para compreender a intuição como processo cognitivo rápido e certo, sem que necessariamente tenha que recorrer de forma consciente às estruturas da lógica. “Isso condiz com a velha ideia de que ‘a intuição favorece a mente preparada’ (ibidem, p.8). Damásio (1996) busca compreender a emoção como uma auxiliar que dialoga com a razão. Não opõe emoção e cognição, apenas considera que a emoção também transmite informações cognitivas, por intermédio dos sentimentos e dos instintos.

Autores contemporâneos aproximam discussões sobre a sociedade e a filosofia das emoções. Georges

Didi-Huberman (2016, p.15) sugere o gesto filosófico de questionar como o ato capaz de transformar este “estado primitivo” - encontrado em animais irracionais, nas crianças, nas mulheres (sobretudo as loucas) ou em espaços de disputa entre “ciência”, “filosofia” ou “política” - em campo de dúvida. “Assim, diante de cada questão, é preciso se questionar, se informar, comparar as diferentes opiniões, e depois, na hora certa, tomar partido” (ibidem, p.17).

O levantamento bibliográfico das abordagens fundamentais para a Teoria das Emoções - em seus componentes fisiológicos, filosóficos, psicossociais e neuropsicológicos - tem o intuito de contextualizar historicamente a cadeia complexa de atravessamentos para o campo da comunicação, em especial, os que circundam a cultura do compartilhamento. Seus métodos científicos buscam “examinar objetivamente os comportamentos que perfazem uma emoção e, desse modo, estudar o prelúdio dos processos do sentimento” (DAMÁSIO, 2004, p.35-6), manifestados conjuntamente sob a forma de afetos evidenciados nos corpos. A percepção dos vínculos entre esses diferentes estados favorece aspectos relacionados à autopreservação, refazendo o monismo espinosano. Compreender os fenômenos automáticos de regulação da vida, mobilizados pelas emoções, motivações pessoais, subseqüentemente, tomar consciência dos atos de interação e sentimentos decorrentes, são decisões precípuas para manutenção da liberdade e da autonomia; isto porque, estas estão entre as motivações mais frequentes ao compartilhamento via redes sociais. O discernimento sobre os mecanismos que envolvem a cadeia emoção-sentimento, assim como sua origem dentro do próprio corpo, pode nos levar

a ponderar, no campo da troca de informação sujeitado à propagabilidade, aspectos relevantes para compreensão de fenômenos recentes.

Fluxos coletivos, mídia propagável e emergência da multidão emocional

Ao considerar a diversidade dos dispositivos a partir da qual informações passam a circular na atualidade, pondera-se sobre a incoerência em torno de pensamentos uníssonos ou estruturas homogêneas, quando, ao contrário, verificam-se conexões em escala cultural planetária, ou heterogêneas em termos de metas e perspectivas. Decerto que a descentralização das ordens de comando, sob a ótica tecnológica, vem favorecer a multiplicação das fontes informacionais, contudo, em alguns momentos, o direcionamento dado pela plataforma parece suplantar a suposta autonomia de quem a utiliza, neste caso, vale mensurar ganhos/prejuízos a longo prazo, em especial, para além do campo do entretenimento.

Sobre os fenômenos coletivos, Steven Johnson (2003, p.14) estabelece relações entre ciências da complexidade e da auto-organização, enfatizando comportamentos *bottom-up*: sistemas que se adaptam por meio de comportamentos emergentes, ou seja, solucionam problemas a partir do conhecimento advindo de níveis mais baixos, sem uma “divisão executiva inteligente”, mas capazes de produzir resultados com sofisticação de níveis mais altos. O pesquisador relaciona o conceito de exame ao de inteligência coletiva, quando os comportamentos locais de agentes individuais, muitas vezes autônomos, passam a ser importantes para sistemas emergentes e ações coletivas com reflexos

em manifestações globais. O que se percebe através das elaborações descritas por Johnson (2003) é que podemos estimular a inteligência coletiva e aprender a partir dos níveis mais baixos de organização - onde a macrointeligência e a adaptabilidade advêm da interação pelo reconhecimento de afinidades no universo do conhecimento local. Comportamentos *bot-ton-up*, representantes de um universo aparentemente desordenado, através de vínculos locais, podem adaptar-se e desenvolver ações emergentes, gerando assim resultados relevantes para o todo.

De modo diferente, o poder do "contágio" nem sempre teve percurso tão louvável. Gabriel Tarde (2005, p.142), no século XIX, já discorria sobre as multidões e as seitas criminosas: "chamar de volta a atenção para o aspecto social dos atos que o indivíduo se atribui sem razão", às vezes, baseados na crença absoluta ou na experiência particular de si. Tarde (2005, p.147) alertou para a emoção agregada às ideias, e seu poder de intensificar de forma crescente as ações e as consequências: "e o que era desejo moderado ou opinião hesitante no autor dessa propagação [...] torna-se prontamente paixão e convicção, ódio e fanatismo, na massa fermentescível em que esse germe se instalou". A intensidade conduz aos excessos, tanto para o bem quanto para o mal, quanto a necessidade de entendimento sobre causas e consequências do "aquecimento dessas almas reunidas por seu mútuo reflexo".

O marketing político e a indústria do consumo dominam tais estratégias. Jenkins, Green e Ford (2014, p.27) desenvolvem um trabalho amplo em torno do que conceituam como meio da mídia propagável e o potencial do ambiente participativo digital no campo

empresarial contemporâneo. O termo “contágio” é empregado de forma muito pragmática, no contexto dos modelos de negócios, no sentido de “propagabilidade” e “aderência”, que “se refere à necessidade de criar um conteúdo que atraia a atenção da audiência e que a envolva”, portanto, a ação de construir empatia, motivar a crer e propagar. Não à toa, os autores iniciam o texto fazendo uma grande crítica às empresas que ignoram a eficiência dessas ferramentas ou traçam estratégias incoerentes e baseadas em promessas vazias. De fato, tratam, nessa obra, da grande mudança que se consolida entre mídias tradicionais e digitais, e que passa a desafiar os “monopólios do conhecimento” (ibidem, p.70); além da velocidade de circulação de dados que também induz a um maior envolvimento de aspectos emocionais. Enfim, campo rico para ser explorado no sentido de construir estratégias de marketing eficientes e competitivas, mas, como os próprios autores afirmam, ainda fundamentado numa “economia moral” fraca, ainda sustentada pela busca “agressiva de interesses próprios, num curto prazo” (ibidem, p.83).

Neste trabalho em específico, que esquadrinha fundamentos emocionais envolvidos com comportamentos que orbitam em torno de mídias propagáveis, agregados ao compartilhamento de informações factuais, observa-se *a priori* que todo esse potencial de transformação não está restrito exclusivamente às estratégias mercadológicas utilizadas pelos meios de comunicação, mas envolve um ecossistema complexo movido pela ação de compartilhar, curtir, comentar e passar adiante (humano). A “economia moral” que vale para um deve valer para todos, e quando “padrões editoriais profissionais estão dando lugar à regra

da multidão" (JENKINS, GREEN e FORD, 2014, p.87) vale transferir também responsabilidades, para que assim não corra-se o risco de concretizar o pesadelo de "desordem moral" descrito por Andrew Keen (2009, p.134), no livro *O Culto do Amador*.

De alguma forma, a complexidade dos fenômenos coletivos sugerida por Steven Johnson (2003, (p.58) aponta para emergência de comportamentos auto-organizativos locais de fato, e independentes de cadeias de comando. Assim, o autor desvincula a ideia de enxame ao de multidão (séc. XVII) ou massa (séc. XIX), de cabeças não pensantes, influenciáveis e sem algum princípio organizador, ponderando uma condição: "a informação local pode levar à sabedoria global". Apesar disso, ainda parecemos materializar através de ações recentes o fatalismo da multidão desordenada sugerida por Georg Simmel (1987, p.11), quando já discorria sobre os problemas da vida moderna e a reivindicação do indivíduo "de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais [...] juntamente com a maior liberdade". Quanto mais especializado mais particular torna-se o ser humano.

Curiosamente, o séc. XXI parece replicar o fenômeno da vida urbano e mental descrito por Simmel (1987, p.16-18): rapidez nas mudanças e nos estímulos, personalidades que se ajustam às forças externas, capacidade adaptativa de uma mente estimulada e calculista, inteligência desenvolvida e de subjetividade altamente pessoal. Há, como consequência, similaridades também no fato que estimulações excessivas e velozes causam o que o autor chamou de atitude *blasé*, isto é, "a incapacidade de reagir a novas sensações com energia apropriada", ou a indiferença e

a sugestibilidade indiscriminadas. O fenômeno urbano na modernidade induziu o indivíduo ao extremo em termos de exclusividade e particularização, no intuito de preservar sua essência mais pessoal. O que tende ao exagero, ao buscar na personalidade a própria percepção de si para o todo.

Tanto a individualidade quanto a apatia em relação ao outro podem parecer desdobramentos do que Baruch de Espinosa (2012, p.94) definiu como efeitos da opinião, da crença ou da ideia de conhecimento claro. Da *opinião* - sujeita a erro porque tem base em suposição - "surgem todas as paixões (*pas-sien*) que são contrárias à boa razão". Como exemplo cita o ódio, "como vemos no caso dos turcos contra os judeus e os cristãos, e os judeus contra os turcos e cristãos, e os cristãos contra os judeus e turcos" (ibidem, p.97). Só de "ouvir dizer" nós ocidentais, distantes histórica e geograficamente dos conflitos, já exalamos de imediato o sentimento por eles construído ao longo de anos de antagonismos. Espinosa (2012) investiga quais paixões são decorrentes unicamente do erro da opinião, do irracional, e quais estão no domínio da razão. Afirma que devemos partir de como "deve ser a coisa, e não o que ela é" (ibidem, p.98), até porque, "sabemos que uma coisa é uma vez boa e outra vez má" (ibidem, p.104).

Logo, as paixões que devemos rechaçar são as vinculadas à destruição de tudo que tende ao avanço e ao melhoramento. Espinosa (2012, p.127) admite o ser humano "como parte da Natureza inteira, da qual depende e pela qual também é governado [não podendo] fazer nada por si mesmo para sua salvação e seu bem-estar". Áurea Costa e Jesus Pascual (2012) relatam que a liberdade do conhecimento

pleno, para Espinosa, passa pela razão quando não perturbada pelas paixões, estas com poder de diminuir a potência do agir do corpo. Já Spinoza (2009, p.155) chama "de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos", entretanto, para o filósofo que foi expulso da sinagoga, acusado de heresia e deserdado pela família, há como diferenciar as paixões: a *paixão triste* é geradora de aversão e destruição; a *paixão alegre* aumenta nossa potência de agir, nos aproximando do ponto em somos senhores dela.

De certo que poderíamos dar menos atenção aos aspectos corrosivos das mídias propagáveis, todavia, há de se considerar eventos recentes profundamente enredados pelas novas práticas, e um certo embotamento promovido pelo desejo de participação ou pela liberdade de ter e emitir opiniões. O que não deve apresentar-se como problema - exercer de fato nossa autonomia -, deve somar-se à necessidade de nos percebermos dentro de um processo maior que nós mesmos (ou nossos próprios interesses).

(Des)confiança como disfunção entre objetividade e afeto

Os laços fortes (CASTELLS, 2003) desvinculados de cadeias de comando, baseados na auto-organização da informação local com intenção no global (JOHNSON, 2003), nos apresentam, pelo viés das redes de compartilhamento, muito do que foi particularizado por Espinosa (2012) no tocante ao envolvimento de base afetiva nos processos humanos. Shirky (2011, p.146) talvez seja quem mais aproxima essas duas vertentes, ao analisar valores positivos da participação voluntária dos amadores estimulados pela cultura da

participação, enquanto, também considera o componente emocional, por sua capacidade de manter os grupos unidos ou de minar habilidades de fazer coisas: “um grupo pode ficar mais preocupado em satisfazer seus integrantes do que atingir seus objetivos [por isso precisa] equilibrar a efetividade enquanto grupo com a satisfação enquanto indivíduos”. Infelizmente, a motivação de ser solidário tem poder de anular a ação coletiva relevante.

Apesar deste trabalho ter como objetivo fundamental a investigação de referências bibliográficas implicadas nos fenômenos informacionais emergentes da mídia propagável, a sua vinculação às situações ilustrativas preliminares cogita sobre os meandros que envolvem dados jornalísticos extensivamente compartilhados e a desinformação decorrente do contágio. Não associa-se aqui, como Robert McHenry (SHIRKY, 2011, p.144) ou Andrew Keen (2009), a Wikipédia ou o ato de compartilhar a um banheiro público ou blogueiros a macacos, pois, busca-se não reduzir ações de cooperação a resultados absolutos de manipulação e alienação, entretanto, cogita-se como vital perceber o quanto algumas ações são atravessadas por paradoxos entre amor-ódio ou razão-emoção. Passa a ser banal utilizar redes particulares para multiplicar convicções pessoais fora de contexto. Para Shirky (2011), tem-se nas mãos o paradoxo da revolução, isto porque há de fato a possibilidade de compartilhamento de dados com fins legítimos e recheados de informações verídicas, entretanto, algumas vezes, inadvertidamente estão assinalados por preconceitos, reforço à violência, discriminação, ou conduzidos por valores que de longe nada contri-

buem em termos coletivos, resumindo-se a espectros de reverberação das próprias opiniões.

Muniz Sodré (2007, p.21) pondera sobre estas questões como estratégias sensíveis, e bases epistemológicas para estudos sobre o *bios midiático* - “configuração comunicativa da virtualização generalizada da existência [...] a sociedade midiaticizada enquanto esfera existencial capaz de afetar as percepções e as representações correntes da vida social”. O pesquisador percebe as estruturas do virtual midiático como mecanismos de leitura da vida cotidiana, e possíveis forças de afetação através de imagens e modelos hegemônicos. De forma prática, reforça na *vinculação social* o seu papel central para o ato de comunicar, e a partir da qual instaura-se o comum entre seres sociais. “O sujeito que se comunica é o mesmo ser como ‘entre’, logo, uma interioridade destinada a uma exterioridade, o outro” (ibidem, p.15). No limite comunicacional hoje, as existências e seus vínculos são regidos pela midiaticização virtualizada - às vezes, utilizada como mero instrumento, mas perfeitamente compreendida como sustentáculo de transformações socioculturais profundas. Na base desse “vínculo intersubjetivo” (ibidem, p.20), encontra-se o sensível “como jogo de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem” (ibidem, p.10).

Para pesquisadores como Ramon Costa (2018, p.81), o vínculo se manifesta por meio do afeto e, por isso, “é possível considerar que, dependendo da natureza do afeto envolvido, teremos diferentes experiências de instauração do *comum* e, conseqüentemente, de vinculação social”. Dentro desse processo de criação de vínculos, a *confiança* passa um ele-

mento significativo, como uma espécie de reguladora dos processos de comunicação, na medida em que pode contribuir para “uma predisposição e interesse pelo outro [...] aceitar o outro sem enquadrá-lo em seu ponto de vista ou em seu mundo” (ibidem, p.80). Isto é, exercer o processo de vinculação social por meio da instauração de um *comum*.

Com base em proposições do sociólogo Anthony Giddens (1991), Costa (2018) alerta para a ideia de que confiança (como espectro do vínculo) seja o elo entre fé e crença. Apesar de confiança estar pautada num compromisso firmado que não se estabelece apenas em conformidades racionais, não significa simplesmente acreditar: “a confiança funciona como um ato consciente de acreditar em algo a partir da consciência das situações de risco. Confiança e risco estão entrelaçados, devendo existir um equilíbrio entre ambos” (ibidem, p.153). Para Giddens (1991), a confiança - a crença de credibilidade em algo - passa pela necessidade de arriscar-se a ter fé em alguma coisa, para não correr o risco de viver em estado permanente de incerteza e instabilidade.

O problema atual concernente a este trabalho, é o entendimento que confiança (ou a falta dela) e desinformação podem caminhar juntas, pois o descrédito assentado nas instituições estabelecidas, tais como, representações político-partidárias e veículos de comunicação tradicionais, abala as convicções em torno de suas ações, assim como, o processo comunicacional como um todo. Com as certezas estremecidas, dirige-se a atenção aos organismos de aparência autêntica e de fácil reconhecimento, nem tão abstratos, distantes, profissionais ou engenhosos, mas especialmente próximos ao que se consegue re-

conhecer - ideias facilmente encontradas nas redes digitais de compartilhamento. Assim, o conceito de pós-verdade² - eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford em 2016 - problematiza os fenômenos que margeiam a desinformação e estabelece como a compreensão de fatos concretos na atualidade sofre menos influência de dados objetivos (ou mesmo científicos) que de crenças pessoais e da emoção.

Nesse sentido, Sodré (2007, p.11) trata da instrumentalização do sensível com fins de manipulação dos afetos, contudo, afirma, mesmo quando se tem a consciência das ações que envolvem o exercício pleno das escolhas, nem sempre é lembrado que o processo de comunicação como projeto de emancipação passa pelo reconhecimento dos riscos e, entre esses riscos, questões que envolvem o conceito de alteridade: duas (ou mais) subjetividades envolvidas no processo de interlocução. A avaliação de riscos abarca também o entendimento sobre a complexidade que compõe a verdade dos fatos, sua integração com contextos políticos, econômicos e socioculturais.

Pode-se aqui inclusive especular sobre possibilidades de mudanças de fato não acontecerem através de medidas concretas operacionalizadas pelas instituições públicas (hoje mais desacreditadas que ontem), mas estarem atreladas de alguma forma ao movimento *bottom-up* das redes digitais. Neste caso, não seria necessário que, ao tomar-se a responsabilidade da veiculação, opinião e crítica, essas tarefas fossem assumidas com o mínimo de ética?

Sobre o caso do Ministério da Educação (**FIG. 1**), há comentários dispersos na *timeline* que, se asso-

² Tema aprofundado em DUNKER, C.; TEZZA, C.; FUKS, J.; TIBURI, M.; SAFATLE, V. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinenses, 2017.

ciados à teoria do vínculo social, proposto por Muniz Sodré (2007, p.10), não parecem ponderar em torno dos riscos em confiar sem contextualizar, pois parecem fundamentar toda a sua crença em aspectos pessoais, apelos morais e saudosistas, quando de fato institui-se ali um ação compartilhada publicamente. Precisamos compreender na “relação comunicativa, além da informação veiculada pelo enunciado [...] o que se dá a reconhecer como relação entre [...] subjetividades”. Envolvidos, temos veículos de comunicação, aspectos partidários e interesses nacionais. “São muitas as estratégias discursivas no jogo da comunicação. Cabe-nos jogar, segundo as circunstâncias da situação interlocutória”. O que se julga mais relevante? Se considerarmos os interesses coletivos, indiscutivelmente, não podemos esquecer questões ligadas à alteridade. Amparar-se em estratégias sensíveis pressupõe compreender lógicas voltadas à abertura para o outro, “de aproximação das diferenças [decorrente] de um ajustamento afetivo, somático, entre partes diferentes num processo [fadado] à constituição de um saber que, mesmo sendo inteligível, nada deve à racionalidade crítico-instrumental” (ibidem, p.11).

Ainda no sentido de destacar as tensões perigosas entre confiança e crença, os comentários propagados que “declaram autorizar as filmagens dos filhos”, “enaltecem lembranças saudosas do tempo de colégio” ou “decretam que vivemos em mundo chato, em que todos reclamam de tudo” são de fato posicionamentos individuais legítimos, mas estariam considerando o contexto político atual? Ou os riscos de expor com orgulho seus extremos de amor-ódio? Ou mesmo a contradição explícita em relação à orientação do próprio Governo de “desideologização da escola sem partido”, quando

em carta oficial solicitando imagens de alunos para fins de divulgação institucional assina com *slogan* da campanha eleitoral partidária?³

Este exemplo, que poderia converter-se em dezenas, em um trabalho de coleta específico, apenas ilustra o “poder do contágio social” (SHIRKY, 2011, p. 118), ou da crença passional, quando atinge seu grau máximo de complexidade no tocante à realização de ações de propagação. O próprio Shirky (2011, p.103) alerta sobre a ação fatal em opor-se ao pensamento individual. O amor transforma-se em ódio, um ódio contagiante e promovendo, de forma inadvertida, a invisibilidade de questões mais relevantes para o momento. Isto porque “atores egoístas podem exaurir o recurso ao qual têm acesso”, supervalizando seus pontos de vista em detrimento de questões mais gerais.

Clay Shirky (2011, p.88) considera a necessidade de experimentação, de como o material de baixa qualidade que emerge do excesso de liberdade pode converter-se em algo a ser apreciado no futuro. Ver esse momento, experimentar e aprender com ele é fundamental para que das experiências ruins seja possível construir situações de soberania de fato - pois agir comunicativamente sobre o comando de outrem pode parecer desmotivador, e as oportunidades apresentadas pelas tecnologias demonstram que as pessoas fogem dos roteiros traçados, em muitos casos, por pura rebeldia. Enfim, são muitos os pesquisadores centrados nessa discussão, pois o entendimento sobre mídia é ampliado, tornando-se mais complexo, mais acessível do ponto da infraestrutura necessária, de

³ Mais informações na matéria disponibilizada pelo link: <https://exame.abril.com.br/brasil/velez-rodriguez-diz-que-percebeu-erro-e-muda-comunicado-sobre-o-hino/>

ação descentralizada nas etapas de criar e compartilhar ou das relações entre público e privado.

No que tange os compartilhamentos observados pelas redes sociais vinculados à disputa eleitoral em 2018, há motivações contundentes e muito antagônicas: em linhas gerais, a manutenção dos tempos de glória já estagnados versus a busca por algo novo. O que não parecia nenhum problema à primeira vez, com o passar do tempo transformou-se numa obsessão antilógica, considerando o custo, que passava a não ter nenhum valor prático. Logo, se o ecossistema tecnológico disponível sugere a emergência “de novos hábitos, mais generosos, criativos e sociais, inclusive pouco apegado a recompensas financeiras, diferenciando, portanto, mídia amadora de mídia profissional” (SHIRKY, 2011, p.58), a necessidade de uma nova política, necessariamente, precisa passar por uma mediação mais consciente e responsável, tanto por parte da imprensa, do poder público, como das ações dos próprios cidadãos que clamam por essas transformações.

Passa a ser importante perceber tais mudanças em níveis mais simbólicos, em primeiro lugar, e onde os processos de comunicação estão instituídos, para então compreender mais detidamente as transformações ocorridas nos espaços de vivência concretos. É preciso observar, desapegar dos hábitos e aprender a partir da aceitação da complexidade social e do controle das paixões no sentido da responsabilidade com o outro. Espinosa (2012) propõe que a neutralização das paixões não significa dissociar razão de emoção, mas identificar tais influências para assim minimizar a propagação de paixões tristes e/ou instintos rancorosos e destrutivos. William James (1884) alerta

para o fato que muitos desses sentimentos estão vinculados às convenções circunscritas nos diferentes ambientes de compartilhamentos (tanto materiais quanto virtuais), e variam de acordo com o ambiente social. Vergonha, medo, remorso, amor ou ódio são sentimentos circunscritos e podem (ou precisam) ser compreendidos nas suas relações dinâmicas entre vida mental e vida corporal.

Considerações para trabalho em curso

Ao considerarmos a demonstração de Espinosa (2012) sobre o ajuizamento de associar paixão, decorrente da opinião, ao erro da generalização e ao apego às questões individuais, cabe-nos sugerir o olhar mais atento aos motivos de nossas próprias atitudes, considerando inclusive o caráter autônomo que as novas mídias passam a incorporar. Duvidar da mera opinião, da crença cega, e compreender que confiança não abdica de ponderações ou de protestos circunscritos em fatos, talvez, conformem meios de estabelecer redes estimuladas pela fraternidade de fato e pelos objetivos verdadeiramente comuns.

Após o último pleito eleitoral, percebeu-se a fragmentação de opiniões antagônicas: de um lado, um grupo que se considera conservador, de opiniões firmemente pautadas na fé religiosa, estabelecidas por suas referências morais de vida, herdadas de sua criação e seus valores individuais, e outro, grupo progressista em termos de fé, valores e interesses. Poderíamos destacar também dezenas de comentários e postagens pessoais, envolvendo o tema política brasileira, colocando luz a aspectos da polarização que tomou conta das *timelines* a partir do segundo semestre de 2018, entretanto, priorizamos a busca por

referências teóricas transdisciplinares com o intuito de compreender o quanto o entendimento sobre os fluxos informacionais necessita dialogar com outras áreas do conhecimento, no sentido de perceber suas transformações internas, inclusive como a expansão das ferramentas tecnológicas (e suas promessas de autonomia e liberdade) também tem poder de desencadear redes de opiniões pessoais, passionais e carregadas de afeto.

Entre as especulações observadas nos compartilhamentos, algumas afirmam sobre a necessidade de discutir menos e trabalhar mais, como único meio de dirimir a crise estabelecida no país. Outras listam atitudes práticas, raciocínios claros sobre economia, sobre valores morais particulares, seu percurso individual pleno em facilidade e mérito (nem sempre reconhecidos como privilégios), enquanto desconsideram, sem nenhuma ponderação, a complexidade social como mediadora essencial para discussões acerca do Estado e da política de forma geral. Qual a infraestrutura comum a estas diferentes experiências e opiniões humanas? A razão? O afeto? As crenças morais ou decisões éticas? Para “confiar” de forma plena precisamos nos deixar guiar pelo nosso entendimento como seres completos, isto é, sujeitos aos ditames da razão e da emoção, assim como, da ampliação do conhecimento para além de “compreensões vagas e parciais” (GIDDENS, 1991, p.30).

Com a fé nas instituições abalada, dirigimos nossa atenção às fontes de informação cuja origem reconhecemos; sem conflito, instala-se novamente a confiança, pautada na “rebeldia” de acreditar nas pretensas verdades absolutas sobre o mundo, independente do entendimento precípua de que a mí-

dia apura fatos em movimento e que muitas vezes exige mais do nosso senso crítico do que podemos suportar. Por isso, confiar exige o cálculo de riscos, assim como, evitar a crença absoluta que desconsidera outras alternativas. Isto porque, nem a audiência aceita permanecer consumindo notícias disfarçadas de verdades inquestionáveis, nem se dá conta do quanto busca “apaixonadamente” apenas isto.

Como ficou caracterizado, a situação ilustrativa colocada como ponto de partida visou apenas compatibilizar o encontro entre pequenas ações de compartilhamento, teoria das emoções e o fenômeno da dispersão/desinformação, buscando demonstrar a relevância de envolver os micro-conflitos como demonstrativos sintomáticos de grandes mudanças.

Ao final deste trabalho, concluímos apenas que precisamos aprender a fazer mais perguntas antes de compartilhar tantas certezas.

Referências

- CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz & Terra, 2002.
- _____. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- COSTA, Á. J. A. e _PASCUAL, J. G. Análise sobre as emoções no livro *Teoría de las emociones (Vigotski)*. in: **Revista Psicologia & Sociedade [online]**, vol.24, n.3, 2012.
- COSTA, R. B. **Economia da Confiança**. Curitiba: Appris, 2018.
- DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- _____. **Em busca de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.
- ESPINOSA, B. **Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FREITAS, F. L. C. Pressupostos espinosanos da crítica histórico-psicológica. in: **Revista Conatus: Filosofia de Spinoza**, vol.7, n. 13, 2013.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GROHMANN, R. A Comunicação Eletrônica é Epistemóloga: entrevista com Muniz Sodré. in: **Revista Parágrafo**, v.1, n.3., 2015.

JAMES, W. **Whats is an emotion?** Mind Association: Oxford University Press, Vol.9, N.34, p.188-205, 1884.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora ALEPH, 2008.
JENKINS, H; GREEN, J; FORD, S. **Cultura da conexão**. São Paulo: Editora ALEPH, 2014.

JOHNSON, S. **Emergência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

KEEN, A. **O culto do amador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MARCONDES, P. **Marcas**. São Paulo: Editora Meio & Mensagem, 2003.

RANCIÈRE, J. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SODRÉ, M. **As estratégias do sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. Sobre a episteme comunicacional. in: **Revista Matrizes**, 1 (out.), 2007.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

TARDE, G. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TOASSA, G. **Emoções e vivências em Vigotski**. Doutorado, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2009.

_____. Vigotski contra James-Lange. in: **Psicologia USP [online]**, vol. 23, n. 1, 2012.

VYGOTSKI, L.S. **Teoría de las emociones**. Madri: Akal, 2010.